

Prefácio

Essas cartas constituem uma seleção entre as centenas que escrevi para Karl Rahner ao longo de mais de duas décadas; a maioria é em resposta às dele. A correspondência completa incluiria milhares de páginas. Que aqui e agora apenas as minhas sejam publicadas tem uma razão legal: Rahner era um jesuíta e sua ordem não permite a publicação de suas cartas, embora eu seja a legítima proprietária e Rahner nunca tenha exigido sua restituição à ordem, nem nunca tenha tomado em consideração tal eventualidade. Ao longo dos anos, conversamos algumas vezes sobre a publicação de nosso epistolário. Se ele não quisesse, poderia ter queimado minhas cartas. Mas as restituiu para mim, pacote por pacote. Em alguns escreveu de próprio punho: "depois da minha morte, restituir para LR sem abrir". Às vezes concordávamos que toda a correspondência deveria ser publicada após a morte de ambos. Mas abandonamos esse pensamento, ou para ser mais preciso: simplesmente nos esquecemos disso. Que Rahner tenha me confiado as cartas de ambos e nunca tenha pretendido a devolução das suas demonstra, algo que ele repetiu várias vezes, que não era sua intenção vê-las de posse da sua ordem: "Com você estão totalmente em segurança".

Por que em segurança? Para quem? Se não deveriam ser publicadas, por que não as destruí? O que poderia ter acontecido no caso?

Tenho todas as suas cartas, cerca de 1800, e parte daquelas que lhe enviei. Falta uma parte das minhas cartas dos últimos anos. Não sei onde estão. São as menos importantes, as menos interessantes entre aquelas que lhe enviei. Então: desde a morte de Rahner em 1984, não pensei mais sobre o que deveria ser feito com as nossas cartas. Meus filhos, depois da minha morte, farão a coisa certa.

Um dia, durante uma conversa com o Dr. Snela (aluno de Rahner) de passagem e sem intenções particulares, disse que tinha centenas de cartas minhas e de Rahner. O dr. Snela foi de opinião que era uma pena que não fossem publicados. Eu não lembrava bem do que continham, nem tinha vontade de as reler, ou seja: a sua riqueza e amplitude assustavam-me, e, tanto quanto me lembrava, a problemática do conteúdo. Entreguei-as, com a maior confiança, ao Dr. Snela. Ele deveria lê-las e opinar sobre sua eventual publicação. Ele achou o epistolário fascinante, profundamente tocante do ponto de vista humano e, sobretudo, importantes para a teologia e a história da Igreja. No final, concordei, desde que os jesuítas também estivessem de acordo. Não foram, no que dizia respeito às cartas de Rahner. (Não vou me manifestar sobre as suas motivações). Sobre as minhas, posso dispor livremente. Como em muitos casos são respostas às cartas de Rahner, também comunicam o conteúdo das suas. Assim também o capítulo Rahner é, por assim dizer, considerado. Acredito que a ordem deveria se orgulhar de ter tido em suas fileiras um homem de tão grande estatura humana e teológica. É preciso possuir grande estatura para ousar o que ousou tendo feito voto de castidade: amar uma mulher e sofrer profundamente por esse amor. Por que calar sobre isso? Por que não mostrar como um homem que fez voto de castidade pode amar uma mulher sem fracassar como religioso pertencente a uma ordem, aliás, crescendo nessa experiência?

Pois bem, as cartas de Rahner infelizmente permanecem inéditas no momento. Eu vou publicar as minhas. Estou ciente do risco que corro. Não se trata de escândalo. (O que acontece hoje dentro da Igreja Católica sobre a obrigatoriedade do celibato, por culpa da própria Igreja, é mil vezes mais escandaloso do que o que aconteceu entre mim e Rahner). Para nós, não se tratou de um "amor proibido", mas de um desejo de experiência que chamamos de "beides", "o Ambos": a experiência divina, de ser humanos, homem e mulher, inteiramente "carne e sangue" e por isso mesmo viver plenamente a espiritualidade.

Ousamos andar no fio da navalha. Às vezes caminhamos para frente e para trás no fio afiado da navalha, portanto, não fomos

apenas espirituais, nem ingenuamente devotos, mas contemporâneos altamente críticos, de um certo ponto de vista eclesial próximo à heresia. A verdadeira dificuldade não pesava do meu lado, mas naquele de Rahner: ele sofreu. Meu sofrimento era apenas um eco e espelho do sofrimento dele. Ele me amava, mas eu era ligada há muitos anos a outro homem, ele também membro de uma ordem religiosa. Rahner sabia disso desde o início, mas acreditávamos que poderíamos fazer “ambas” as coisas: o meu amor por um outro e a profunda relação entre mim e Rahner. Fizemos as duas coisas, mas Rahner pagou um preço alto demais para fazê-lo.

A ocasião para o meu encontro com Rahner foi o pedido do teólogo moral Egenter para escrever um livro sobre as modalidades específicas do ascetismo feminino. Procurei material na minha biblioteca e encontrei um volume sobre "Ascetismo e misticismo". O coautor era Karl Rahner. Eu podia, portanto, entrar em contato com ele para pedir conselhos e ajuda. Então escrevi para ele se era possível visitá-lo em Innsbruck. Assim que a carta foi enviada, quis enviar-lhe uma segunda. Era minha intenção pedir desculpas pelo incômodo – era óbvio que ele não tinha tempo - e retirar o meu pedido. A resposta à minha primeira carta já estava a caminho: aguardava-me no dia 27 de fevereiro (1962), ao meio-dia, na entrada do Colégio dos Jesuítas, na Sillgasse 6, em Innsbruck. Eu esperava um homem alto, forte e esguio que me concederia meia hora de conversa. Antes do meio-dia o portão se abriu (sempre fomos muito pontuais, por isso ao longo das décadas nossos encontros sempre aconteciam antes do combinado). O famoso jesuíta: era baixinho e pouco vistoso; carregava uma capa de chuva enrolada debaixo do braço e uma bolsa na mão. Olhamos um para o outro e então ele me perguntou: "Para onde vamos agora?" Respondi seca: “No Urso pardo. Para almoçar". O Urso pardo tornou-se o nosso ponto de encontro por muitos anos. Almoçávamos também e a mesa do canto ficava sempre reservada para nós.

Sobre o que conversamos? Bem, o motivo da minha vinda. Uma conversa de teor teológico. Mas eu realmente tinha vindo para

aquilo, só para aquilo? Era a época das minhas tristezas confusas por "M.A." Falei com quem tinha feito voto de castidade, membro de uma ordem religiosa, sobre o meu amor por um membro de uma ordem religiosa que havia feito o mesmo voto. Rahner ouviu (com um ouvido, o outro era surdo devido à escarlatina contraída quando criança). Depois ele perguntou secamente: "Essa coisa (esse amor) é exclusivo?", "Sim" eu respondi. Esse "exclusivo" foi depois motivo de grande tormento para Rahner. Desde o primeiro instante ela tinha o conhecimento da existência de um homem que eu amava de maneira "exclusiva". Nenhum segredo. À noite tive um sonho cujo conteúdo não me lembrava. Mas pela manhã encontrei um bilhete na mesa de cabeceira, um envelope no verso do qual havia escrito em meu sonho: "O amor só é amor quando segue seu caminho". Eu o havia escrito? Era (e é) a minha caligrafia, mas um pouco alterada. Quem o havia escrito?

Na manhã seguinte, depois da missa, Rahner veio para o café da manhã e eu mostrei a ele meu bilhete. O que significa a frase?

"Ah, não", disse ele em seu dialeto de Baden. "É muito simples. Significa que não existe apenas um tipo de amor." Para ele tudo era claro, pelo menos parecia. Mais adiante, porém, uma frase clara e simples se transformaria em um problema que "fazia sufocar o coração". Eu poderia então amar dois homens? Amar de maneira diferente? Acreditávamos que teria funcionado para "ambos". Eu amava Rahner? Ele me fascinava e eu gostava profundamente de seus belíssimos olhos castanhos e de sua voz. Ele havia aparecido na minha vida no exato momento em que o terceiro, M.A., me atormentava atrozmente, me rejeitava, encerrado em sua deformação clerical, aproximava-se novamente brincando de recomeçar com renovado empenho. Então Rahner chegou e me deu o que o outro me negava: calor, proximidade fraterna, até tímida ternura e uma discreta, mas autêntica, orientação espiritual. Enquanto o terceiro tentava se retirar, se esconder e mentir sobre seus sentimentos, Rahner estava sempre disponível por telefone ou pessoalmente e me escrevia. Ele escrevia lindas cartas, quase todos os dias, até cinco cartas por dia, e seu autocontrole e sua formação jesuíta foram gradualmente envolvidas por sua profunda e calorosa

humanidade. Havia "florescido". Não é de admirar que eu tenha me entregado a ele com todo o meu ser. Eu considerava que meu sentimento era amor e era tão incauta que mostrava a Rahner esse amor. Ao fazer isso, provavelmente também esperava esquecer o outro.

Por dois anos, Rahner e eu (principalmente) fomos felizes e satisfeitos. Minhas cartas provam isso. Mas no final a crosta de gelo que havia se formado em torno do meu amor por M.A. se desfez e percebi que ele era o único que eu poderia amar com aquele amor que é "exclusivo". Uma das consequências dos anos do Concílio foi a possibilidade de frequentar assiduamente M.A. e que ele pudesse mostrar seus sentimentos por mim.

Rahner viu isso e eu também falei a ele sobre isso. Ele se sentiu traído por mim e profundamente ferido, a ponto de esquecer o que eu havia lhe dito desde o início e repetidas vezes: que eu amava M.A. "de modo exclusivo".

Agora, a dolorosa releitura dessas cartas torna minha sinceridade impiedosa. Mas como eu poderia ter me comportado de outra forma? Era o grão de trigo esmagado entre as mós do moinho. Eu sofri. Rahner sofreu. M.A. sofreu. Que situação insustentável, que problema sem solução!

No final, encontramos uma solução. A guerra terminou em paz. Uma amizade profunda e fiel me ligou a Rahner, até à sua morte. Literalmente até à sua morte, já que ouvi sua voz ao telefone poucas horas antes de seu falecimento.

Quando eu, com muita dificuldade e relutância, publiquei minhas cartas, o fiz por um motivo bem fundamentado: continham como eco das cartas de Rahner, muitos de seus pensamentos e sentimentos, importantes para a compreensão de sua pessoa e também de sua teologia. São muito mais do que um complemento do que já foi escrito e publicado sobre ele; são, refletidas em minhas cartas, seu diário íntimo, o diário de um grande teólogo, mas também de um grande homem.

Um problema totalmente pessoal sobre a publicação, que revelo à incompreensão do leitor, reside não tanto na minha relação com Rahner, mas naquilo de que não é possível falar. Falo daquele âmbito que, apesar de sua extrema clareza, é considerado obscuro. Falo do que se define como “misticismo”. Não estou falando de coisas "ocultas" nem de parapsicologia ou "esoterismo". Falo simplesmente de misticismo, isto é, daquela modalidade particular de viver em contato com o inefável espírito universal, algo que se revela nas religiões do mundo que a ele se abrem. Eu vivi quando criança (talvez como resultado de uma vida anterior) uma forma autêntica de piedade mística que depois foi encoberta por minha intelectualidade e meu conhecimento de teologia dogmática para me conduzir ao agnosticismo até as fronteiras do ateísmo para depois recuperá-la ainda mais tarde no caminho de encontro com as religiões do Extremo Oriente.

Não falei com ninguém sobre minhas experiências, apenas com Rahner; que, por sua vez, afirmava nunca ter experimentado o misticismo, embora quase certamente tivesse uma relação particular de natureza mística com seu deus: a presença silenciosa no "Espírito Santo".

Revelo minhas experiências pessoais dessa natureza necessariamente porque fazem parte de minha correspondência com Rahner. Mas essa não é a única razão. Eu tento mostrar como seja possível nos ligar ao âmbito do “ambos”. Sou conhecida como católica de esquerda, como contemporânea engajado politicamente, como participante de marchas de protesto, como signatária, também autora de propostas revolucionárias, enfim: como pessoa sóbria e "indisciplinada" que sabe manter os pés no chão. Em quase todos os meus livros se encontram vestígios que denunciam o conhecimento de alguma forma de espiritualidade, mas apenas vestígios, justamente. Em minhas cartas a Rahner, falo claramente. Não decidi publicar todas essas cartas levemente. Algumas necessitam de um véu de intimidade entre o ser humano e o que se pode chamar de deus.

Não sou a única a viver "o ambos": lembro-me do ex-presidente egípcio (assassinado) Sadat que, prisioneiro dos britânicos, escreveu sobre suas próprias experiências místicas em sua autobiografia política. Lembro-me de Dag Hammarskjöld, secretário-geral das Nações Unidas, homem de finanças e político de profissão que entregou a um amigo seu diário íntimo (Sinais no Caminho) para a publicação e que surpreendeu seus leitores que, esperando política, encontraram misticismo.

Seria uma tarefa tentadora montar um livro com documentos de piedade mística de políticos ou personagens "do mundo" dos quais não se espera isso.

O que me perturba profundamente quando releio minhas cartas e que pode perturbar, causar estranhamento ou até mesmo chocar os leitores é a minha linguagem da época. É a linguagem da teologia e da devoção, uma língua que contém muitos clichês. Mas na época não conhecíamos outra língua para as experiências espirituais. Em minhas cartas, falo com um teólogo que era o meu "guru" e que entendia os clichês como linguagem simbólica.

O leitor logo perceberá como me distanciei cada vez mais dessa linguagem, abandonei velhas representações de fé, a ponto de questionar a minha religiosidade ligada à igreja e chegar ao agnosticismo e ao ateísmo, algo que ao meu correspondente, jesuíta e teólogo dogmático, criou grandes problemas. Mas eu tinha que percorrer o meu próprio caminho. Levou-me, pelo contato com as religiões orientais, a uma religião universal na qual também o cristianismo encontra seu lugar. Com grande conflito deixo publicar as cartas que falam das minhas experiências espirituais. Quem sentir estranheza por isso deve pensar o quanto hoje em dia muitos contemporâneos, principalmente os mais jovens, tentam intensamente abordar essas experiências com a ajuda de práticas esotéricas, algo que ao contrário me foi dado com total naturalidade, como é dado a todos, mas não é percebido pela maioria devido à falta de abertura.

Portanto, ousou correr o duplo risco dessa publicação com a esperança de que os leitores possam captar não só a grandeza de

Rahner, mas também o claro e simples fenômeno do misticismo, liberto do moderno charlatanismo esotérico, fenômeno que acompanha a humanidade através dos milênios de seu caminho: o fenômeno que consiste simplesmente em abrir-se ao mundo do espírito. Quero esclarecer: não se trata de mim, mas de Rahner, esse ser humano extraordinário que ousou viver amando e sofrendo e para o qual podem valer as palavras de Jesus a Natanael, um de seus discípulos: "Aqui está um homem em quem não há falsidade".

Rocca di Papa, 30-3-1994 décimo aniversário da morte de K. Rahner.

Louise Rinser